



As disciplinas: meios para o verdadeiro fim

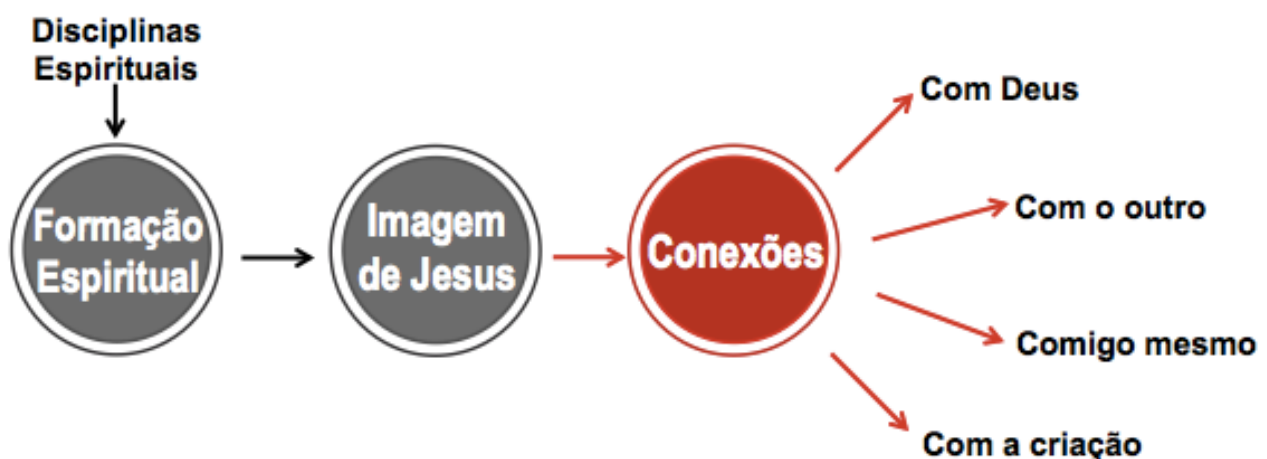
Para finalizar este curso de formação espiritual, nada melhor do que relembrar aspectos dos mais básicos e essenciais, como por exemplo relembrar qual é o lugar das disciplinas espirituais na vida cristã. Muitas vezes cometemos o equívoco sutil de fazer das disciplinas – sejam elas as essenciais ou adicionais – o fim da vida cristã, sem percebermos que as disciplinas na verdade são um meio, estão a serviço de um propósito maior e mais amplo e não são a linha de chegada.

Cristo nos salvou para que pudéssemos viver a vida para a qual fomos criados, Jesus nos salvou para nos levar de volta para casa, para nos reconectar ao Criador e ao próximo e sermos capazes de viver a vida plena com os quatro relacionamentos que nos foram dados: nosso relacionamento com Deus, com o outro, conosco mesmos e com a criação como um todo.

Contudo, para que possamos experimentar esses relacionamentos de maneira íntima, profunda e verdadeira precisamos agora que fomos justificados da transformação que o Espírito realiza em nós – a justificação – para que possamos crescer em amor, graça, perdão, aceitação, compaixão e empatia. Ou seja, para que possamos viver relacionamentos baseados em amor precisamos, obviamente, aprender a amar. Trocando em miúdos, precisamos assumir a vida de Cristo como sendo nossa, precisamos aprender a viver como Jesus.

Quanto mais de Cristo viver em nós, quanto mais de sua pessoa estiver em nós mais vamos nos relacionar com Deus e com as pessoas a maneira de Jesus. Os relacionamentos são o fim, a formação espiritual é o caminho e as disciplinas são as ferramentas por assim dizer.

Isso quer dizer que o propósito final do jejum é me ensinar a amar meu irmão e me submeter amorosamente ao Criador. Se as disciplinas não estão gerando desse amor, graça, paciência, misericórdia em nós então alguma coisa está fora de lugar.



Se as disciplinas são realizadas visando nossa formação espiritual – colaborar em nosso processo de santificação – então com o tempo, constância e consistência podemos perceber uma maior semelhança com Jesus e isso transformará gradualmente nossos relacionamentos.

Nosso relacionamento com o Deus Trino se revelará mais profundo, amplo e maduro. Começaremos a perceber que há uma alegria escondida na vida de oração e que nossa confiança e entrega nas mãos de Deus vai também amadurecer e aprofundar. Vamos descobrir a cada dia o que significa ter um relacionamento pessoal com Deus.

Nosso relacionamento com as pessoas vai ser transformado pois o amor que experimentamos em nossa relação com Deus passará a remodelar nossos relacionamentos. A graça, o perdão, a aceitação, o cuidado, o afeto e

fidelidade que experimentamos da parte de Deus passará a habitar mais e mais em nós enquanto nos relacionamos com as pessoas.

Até mesmo nossa conexão conosco mesmos será afetada e transformada. A maneira como nos aceitamos, nos conhecemos e nos cuidamos será transformada pela graça e aceitação que o Eterno me dá. Passamos a identificar com mais profundidade as áreas frágeis do nosso caráter, passamos a aceitar melhor nossas fragilidades e limitações, passamos a nos aceitar melhor, conciliando aspectos quebrados de nossa auto estima e valor próprio. Nem soberba nem baixa auto estima: nos veremos mais e mais com realidade e essa percepção é a base da humildade cristã.

Por fim, nossa conexão com a criação como um todo passa a ser remodelada e expandida. Um pôr-do-sol se torna um momento de adoração, as horas de lazer passam a nos edificar espiritualmente, os momentos de viagem e descanso se tornam momentos de reflexão. Descobrimos a mão do Eterno na criação e essa perspectiva nos leva a meditar em todo o seu amor por nós, seu cuidado com os mínimos detalhes, sua fiel providência, sua provisão generosa.

O Catecismo Maior de Westminster inicia com uma pergunta: “Qual o fim supremo e principal do homem?”. De fato, ele não poderia começar por outra pergunta pois esta é a questão básica, elementar e a última instância da existência humana. A resposta é simplesmente que “o fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e [deleitar-se nele] para sempre”.¹

O fim da obra de Cristo é nos levar de volta para casa. O fim último do homem é deleitar-se no Eterno, seu Criador. Nossos pais reformados afirmaram essa verdade e ainda hoje ela precisa ser clara para nós: não devemos confundir os meios com os fins, pois afinal o Eterno é nosso supremo fim, o Eterno é, como disse Agostinho de Hipona, nosso *Summum Bonum*, nosso “Bem Supremo”,² ou ainda nossa “Realidade Última” da qual fala Timothy Keller.³

¹ Catecismo Maior de Westminster, Pergunta 1.

² PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.22

³ KELLER, Timothy. *Deuses Falsos: eles prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.10